

A abordagem processual da escrita na composição de legendas

Ana Katarinna Pessoa do Nascimento¹

Resumo: O ato de redigir implica em realizar operações mentais de natureza conflitante, satisfazendo um grande número de exigências simultaneamente (Vieira, 2005). Essa é a chamada visão processual da escrita, que pode ser didaticamente decomposta em subprocessos (Hayes e Flower, 1980). A confecção de legendas para produções audiovisuais possui diversos parâmetros que devem ser seguidos pelo legendista sob pena de não conduzir uma tradução confortável aos olhos do espectador (Araújo, 2007), pois é necessário adequar a fala às limitações de tempo e espaço impostas pela produção audiovisual. Busca-se, portanto, com o presente estudo, compreender se essas operações mentais realizadas no processo de redigir podem também ocorrer na atividade de elaboração de legendas, a partir do esclarecimento dos processos nela envolvidos. Para tanto, elaborou-se a legenda do primeiro minuto do curta-metragem "Os filmes que não fiz", de Gilberto Scarpa, segundo a abordagem processual da escrita.

Palavras-chave: Legendagem para surdos e ensurdecidos; Abordagem processual da escrita; Ato de redigir.

Résumé: L'acte d'écrire signifie faire des opérations mentales de nature conflictueuse, en satisfaisant un grand nombre d'exigence simultanément. (Vieira, 2005) Cela s'agit du processus d'écriture, qui peut être décomposé en sous-processus (Hayes et Flower, 1980). La confection des sous-titres pour les productions audiovisuelles a nombreux paramètres qui doivent être suivies par le sous-titreur sous peine de ne pas produire une traduction confortable pour l'espectateur (Araújo, 2007) il faut faire adéquat les sous-titres aux limites étroites de temps et d'espace imposés par les production audiovisuelle . On cherche, par conséquent, dans la présente étude comprendre si les opérations mentales effectuées dans le processus d'écriture ont lieu dans la préparation de sous-titres, en montrant ses processus. Donc, Il sera élaboré le sous-titre de la première minute du court métrage «Os filmes que não fiz» de Gilberto Scarpa en utilisant l'approche procédurale de l'écriture.

Mots-clefs: Sous-titre pour les sourd et malentendants; Approche procédurale de l'écriture; Acte d'écrire.

Introdução

Os estudos acerca dos processos de escrita tiveram significantes avanços a partir da década de 80, principalmente com o modelo cognitivo de processo de escrita proposto por Hayes e Flower (1980). A noção de que o ato de escrever ocorre através de subprocessos, tais como planejamento, tradução e revisão, e de que estes ocorrem de

¹ Doutoranda do programa de Estudos da Tradução da Universidade pela São Paulo, Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará, graduada em Letras/Francês pela Universidade Estadual do Ceará. São Paulo-SP. Correio eletrônico: katarinnapessoa@gmail.com.

forma simultânea na mente do escrevente e não de forma linear, como se entendia até então, foi de suma importância para os estudos de composição da escrita.

O redator deve realizar diversas operações mentais para compor um texto, mas apenas o redator mais experiente está capacitado para dispor dessas operações em seu devido tempo, à medida que se faz necessário no processo de confecção do texto; deixar, por exemplo, uma frase em suspenso para burilar um parágrafo, ou reorganizar uma ideia mal concebida.

É preciso salientar ainda que o escritor deve ter sempre em consideração aquele a quem o texto se destina, pois é ele quem impulsionará a produção verbal (Vieira, 2005).

O gênero legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) é por natureza uma tradução da fala e dos efeitos sonoros de uma produção audiovisual para aqueles que não fazem uso do canal auditivo, a fim de obter a total compreensão da obra. A legendagem possui parâmetros e delimitações que devem ser respeitadas para que o texto seja apto à leitura do espectador. A elaboração dessas legendas necessita de intenção, planejamento, adequação e uma posterior revisão.

Se os processos de criação de escrita envolvem habilidades mentais presentes em etapas do processo de redigir, seria possível afirmar que essas habilidades ocorrem também na elaboração de legendas, excetuando-se a parte criativa originária da atividade de escrever?

Para tentar responder ao questionamento acima formulado, será elaborada a legenda para surdos e ensurdecidos do primeiro minuto do curta-metragem "Os filmes que não fiz" (2009), de Gilberto Scarpa, observando-se as operações realizadas durante o procedimento e se estas funcionam como os subprocessos componentes da prática redacional.

Abordagem processual da escrita

Essa abordagem toma o ato de redigir como um processo de desenvolvimento organizacional e semântico (Vieira, 2005). Teve seu início a partir dos estudos da psicologia cognitiva, quando se passou a afirmar que o foco do ensino da escrita era o processo de construção

de um texto e não este já finalizado.

Trabalhar-se-á aqui com as três etapas propostas por Hayes e Flower (1980), utilizando-se a nomenclatura proposta por Bento (2011), a saber, planejamento, tradução e revisão. É importante notar, porém, que esses processos ocorrem simultaneamente e podem ser divididos em outras habilidades. Ou seja, enquanto escreve, o autor é capaz de concatenar ideias, reelaborar sentenças, alterar estruturas, estabelecer metas ou alterá-las. Olson (1993) lembra que escrever não é uma receita com instruções a serem seguidas estritamente de uma determinada forma, mas atos de operações mentais de natureza conflitantes, que devem ser temporariamente suspensos em atenção a outros. Isto se torna mais fácil e automático à medida que o redator vai adquirindo proficiência. Outro fator de grande importância na redação de textos é a definição do propósito comunicativo, bem como de seu público-alvo; com objetivo e audiência definidos, é mais fácil elaborar, criar e organizar o texto.

De forma a tornar o estudo mais didático, porém, costuma-se trabalhar com os processos de forma separada. Em primeiro lugar, tem-se o planejamento. Essa etapa é a de geração e organização de ideias, funciona como guia ao escritor na hora de ordenar as palavras no papel. Nesse momento, é importante o conhecimento que o redator possui do tópico a ser escrito, pois se utiliza de seu conhecimento de mundo para traçar objetivos.

A etapa seguinte é a tradução. Aqui sim ocorre a transcrição em sentido formal, ou seja, a efetiva elaboração do texto. Nesse momento, serão inseridas as convenções de escrita e noções de gênero. Será obtida a primeira versão do texto, buscando-se sempre a adequação ao público-alvo.

Por fim, tem-se a revisão, etapa na qual o texto será avaliado e editado. Nessa etapa, a boa leitura é essencial, pois é a partir dela que é possível reconhecer os problemas de escrita e consertar aquilo que aparenta estar desconexo com o todo textual. Bento (2011) salienta que o escritor utiliza os conhecimentos linguísticos armazenados em sua memória e toda sua vivência quando redige e se autoavalia.

É importante lembrar que há um monitoramento por parte do escritor, atento às decisões que toma durante todas as fases do processo.

Legendagem para surdos e ensurdecidos

A legendagem para surdos é um recurso de acessibilidade em produções audiovisuais. No Brasil, a legenda para surdos e ensurdecidos (LSE) apresentada pelos canais de televisão utiliza o modelo norte-americano closedcaptions. Esse modelo não é editado e consiste em mera transcrição da fala. Há pesquisas que afirmam que essa mera transcrição é ineficaz, sendo necessária a condensação da fala. (Franco e Araújo, 2003; Araújo, 2004).

Essas pesquisas sugerem que a língua nativa do país de surdos e ensurdecidos funciona para eles como segunda língua (sendo a linguagem de sinais a primeira língua) e, por isso, a legenda para surdos deve apresentar as mesmas características da legenda bilíngue para ouvintes, acrescentando ainda a identificação de falante e efeitos sonoros. Isso se justifica, pois a presença de inúmeros falantes pode causar dificuldade na interpretação de quem possui o turno de fala por quem não pode inferir essa informação pelo canal sonoro. Os efeitos sonoros, por sua vez, são muito importantes para a compreensão da trama audiovisual, pois podem conter elementos que só podem ser compreendidos através de determinado som (como no clássico exemplo da porta que bate, mas não aparece sua imagem) e o surdo não pode saber, sem o auxílio da legenda, o que chama a atenção dos personagens. Portanto, tais efeitos não podem deixar de ser contemplados pela legenda. Há, ainda, entre os fatores que importam para a composição, o uso da cor amarela nas legendas em fundo transparente, ou seja, sem uso da tarja preta e a utilização da norma culta da língua, sempre que possível, pois os surdos usam a Língua Portuguesa para comunicação escrita.

No Brasil, convencionou-se identificar os falantes e apresentar os efeitos sonoros sempre entre colchetes:



Figuras 1 e 2: Legendas com indicação de falante e de efeitos sonoros e uso do estilo itálico. Cenas do filme "Os filmes que não fiz".

Além das convenções acima citadas, a legenda ainda possui o uso da letra em itálico para caracterizar que aquele que fala não é quem aparece na tela, sendo a fala marcada em itálico atribuída a um narrador ou interlocutor que não está em evidência na cena. As maiúsculas, ao contrário do que se pensa, não são utilizadas para indicar grito, mas para representar texto diegéticos, ou seja, algum texto que aparece na tela, tais como placas ou cartazes. Gritos e alterações de voz não são retratados de forma diferenciados na legendagem, pois podem ser facilmente inferidos pela imagem. A legendagem, por ser um texto que "disputa" atenção com os fatores visuais, deve evitar sempre as redundâncias no modo como se apresenta na tela e ser produzida de forma mais clara possível, para que não haja necessidade de releitura da legenda.

O uso da pontuação é bastante parecido com o que se utiliza em textos comuns, exigindo o cuidado para não exceder o uso das vírgulas, o que pode tornar a legenda muito poluída. Por se tratar de texto conciso, a legenda deve ter leitura facilitada. O ponto final não é necessário ao fim de cada legenda, sendo utilizado somente quando há finalização de determinado pensamento ou raciocínio. As reticências também não devem ser utilizadas sempre que houver continuação de pensamento. Elas devem ser usadas quando houver hesitação do falante, bem como uma fala muito espaçada.

Outro fator essencial para uma boa legenda é a marcação destas. O ideal é que elas entrem e saiam em consonância com a fala do personagem, pois seu atraso ou avanço podem prejudicar a compreensão da obra audiovisual. É claro que nem sempre esse sincronismo é possível e, algumas vezes, a legenda precisa permanecer mais tempo em tela, entrar ou sair antes do final da fala que procura

traduzir. Isso deve ocorrer de forma mais discreta possível e não se repetir muitas vezes durante o mesmo produto audiovisual, para não se tornar perceptível e cansativo para aquele que o assiste.

Como já foi dito, para que o espectador possa assistir o produto audiovisual e ler as legendas com conforto, é necessário adequar a fala e colocá-la em um padrão de velocidade de leitura considerado adequado (Díaz Cintas e Remael, 2007). A velocidade mais utilizada é a de 145 palavras por minuto, o que rende uma média de 15 caracteres por segundo, velocidade de leitura considerada baixa, mas adequada aos padrões brasileiros. Portanto, se há uma fala que dure um segundo e vinte frames, é possível inserir 25 caracteres de legenda. Caso o legendista ultrapasse esse número, corre o risco de a legenda não ser lida por completo pelo espectador. Se a fala do personagem for superior a essa quantia, faz-se necessária a condensação da fala. Importante ressaltar que a condensação da legenda só é feita se necessária; quando há espaço suficiente para retratar os diálogos, o ideal é mantê-los fiéis à obra audiovisual. Caso haja necessidade, porém, o legendista pode utilizar-se de omissões de palavras e/ou ideias redundantes, reformulações de frases confusas, explicitações de conceitos possivelmente desconhecidos pelo espectador, paráfrases, etc.

Ao observar todas as particularidades da produção de legendas, pode-se considerar que há de fato uma elaboração textual, à medida que é preciso reescrever o que se diz levando em conta diversos fatores, dentre eles, a adequação ao meio, que, por ser rápido e transitório, implica elaboração mais direta e, por sua própria natureza, segmentada.

A partir daí, ou seja, com a intervenção necessária no texto das legendas e uma marcação de tempo eficaz, é possível alcançar harmonia entre legenda, ação e fala.

Metodologia

O filme escolhido para compor o *corpus* do presente trabalho é o curta-metragem "Os filmes que não fiz", de 2009, com direção de Gilberto Scarpa. O filme, que tem apenas dezesseis minutos, trata-se de uma bem-humorada confissão do diretor sobre os inúmeros projetos que pensou em fazer, porém nunca produziu. O filme contém cenas

estáticas, centradas na figura do diretor, entrecortadas por supostas cenas dos filmes que nunca chegaram a ser produzidos. Algumas vezes o diretor funciona como narrador do que acontece na tela.

Para fins de pesquisa, selecionou-se apenas o trecho que vai de 11 segundos (0:0:11) a um minutos e onze segundos (0:01:11) do filme, período em que temos a seguinte transcrição:

Eu sou virginiano e os virginianos são assim... eles pensam tanto em como fazer uma coisa que na hora de fazer já tão de saco cheio... cansados... e aí que vem um problema... porqueeee... é... foi muito tempo investido. Em projetos, pensando... eeeee o resultado disso, na prática, é que o filme não acontece. Eeeee a gente acaba colocando a culpa n-n-nas pessoas que realizam, é no filho do artista famoso que faz seus filmes, ou então no produtor que não descobriu seu talento, nas políticas públicas que você não consegue vencer o edital, mas às vezes nem entrar no edital você entrou e fica falando mal... é uma situação muito triste. Ou transfere a culpa pra astrologia, igual eu tô fazendo agora. É uma espécie de autossabotagem. A parte mais triste é que o filme não é feito.

Etapa 1 – planejamento

Antes de começar a fazer a legenda, costuma-se assistir ao filme na íntegra. Dessa forma, o legendista saberá quem são os personagens principais, quais as características marcantes destes e o que deve ser salientado na LSE para que não haja redundância em relação ao que é apresentado na tela ou antecipação da história do filme (em alguns filmes, por exemplo, o nome do personagem é algo bastante significativo e não deve ser identificado de início). Também é bastante comum que o legendista já tenha um conhecimento prévio acerca de determinado gênero cinematográfico e/ou determinado diretor.

A partir do trecho ouvido (transcrito acima), começa-se a pensar como será feita a segmentação das legendas. Resolve-se seguir preferencialmente o método retórico e gramatical, ou seja, seguir o fluxo da fala do ator e as prescrições gramaticais (não separar determinante e seus determinados, por exemplo), já que a cena estática não apresenta cortes, o que não exige a segmentação através das mudanças de cena.

Outra observação importante feita logo de início é que o personagem apresenta vícios da linguagem falada, como por exemplo, repetições, abandonos de sentença, falsos começos e longas pausas

(o que mostra que ele está elaborando o texto enquanto fala), logo, a legenda, por sua característica ligeira e resumida, deverá abolir certos vícios. A LSE utiliza um português padrão, então também será necessário corrigir algumas falas para que se possa deixar o texto mais condizente com a norma escrita.

Após essas observações iniciais, dá-se início à fase de confecção da LSE, que, segundo a abordagem processual da escrita, seria de fato a transcrição das ideias para o papel.

Etapa 2 – tradução

A tradução, como foi dito, refere-se às ideias postas em prática. Portanto, dá-se início ao processo de legendagem seguindo os parâmetros necessários. Procura-se elaborar um texto claro e conciso que permita o espectador assistir ao filme com conforto, sem cansar-se devido à velocidade da legenda. É nesse momento que as marcações de tempo de legenda são efetivamente estabelecidas. O legendista ouve a fala, pausa o filme e marca o tempo (para isso, utilizou-se o *software livre Subtitle workshop*). Cada tempo de legenda (ou seja, quanto tempo ela vai estar visível na tela) vai estabelecer quantos caracteres podem ser utilizados; a partir daí, observa-se se é necessário condensar a fala, rearranjá-la ou se é possível apenas transcrevê-la. É preciso estar sempre atento à sua concordância com as legendas anteriores e posteriores, bem como com as imagens do filme. É importante que, apesar de segmentada por natureza, a legenda apareça ao seu usuário como um texto bem construído e coeso.

Tem-se a LSE produzida transcrita a seguir (as barras indicam quebra de linha dentro de uma mesma legenda):

[Gilberto]\Sou virginiano e eles são assim:
Pensam tanto em fazer uma coisa
que na hora de fazer\estão de saco cheio.
E aí vem o problema, porque...
é... foi muito tempo investido
em projetos, pensando...
E o resultado disso, na prática
é que o filme não acontece.
A gente coloca a culpa
nas pessoas que realizam.
No filho do artista famoso\que faz filmes.
Ou no produtor que\não descobriu seu talento.
Nas políticas públicas

porque não se vence um edital
mas às vezes\ você nem entrou
e fica falando mal.
É uma situação muito triste.
Ou transfere a culpa pra astrologia
igual estou fazendo.
É uma autossabotagem.
A parte mais triste
é que o filme não é feito.

De um total de 138 palavras da transcrição, tem-se apenas 118 palavras nas legendas. É possível, portanto perceber que houve, de fato, uma condensação da fala para que o texto pudesse caber nos limites estabelecidos pelos 145 caracteres por minuto propostos por Díaz Cintas e Remael (2007). Além da omissão de alguns vocábulos, há a supressão de marcas de hesitação ou ainda reformulação de algumas sentenças. Nota-se, porém, que nem todas as hesitações foram retiradas, pois houve tempo suficiente para leitura das legendas. Além de ser, de certa forma, característica do próprio falante, que mostrará hesitação em sua fala durante o resto do filme.

Nessa etapa, segundo a abordagem processual da escrita, há ainda a preocupação com o uso de convenções da linguagem escrita, tais como regras de pontuação, tipo de linguagem a ser usada. O mesmo ocorrerá no momento de confecção das legendas. Há pontuação apenas ao final de cada sentença e não ao final de cada legenda, pois é possível que uma ideia ou pensamento se estenda por duas ou mais legendas. O mesmo acontece com a utilização da maiúscula. Não é necessário que cada legenda inicie com maiúsculas, mas apenas aquelas que encabeçarem uma nova sentença. O uso da pontuação é mais restrito por conta da própria natureza segmentada do texto, havendo menor necessidade de vírgulas. Evita-se também o uso de pontos no meio de legendas, para que o texto fique mais limpo e fácil de ser lido. As reticências apenas são usadas quando há pausa ou hesitação longa.

Etapa 3 – revisão

Essa etapa é decisiva pelo papel de monitoração do escritor, que compara os objetivos traçados com o que foi produzido até então. Tendo-se sempre em mente que essas etapas não são lineares, a revisão na legendagem ocorre de forma constante, até mesmo pela

natureza do texto produzido, cujo efeito na tela é imediato (ver fig.3).

Nesse momento, observa-se ortografia, sintaxe, mas também a estrutura como um todo, além dos parâmetros intrínsecos a esse gênero. É preciso atenção nessa etapa, pois requer conhecimentos básicos de edição para que se possa não apenas encontrar eventuais problemas, mas também solucioná-los.

O *software subtitle workshop* permite que se assista ao filme com as legendas à medida que estas vão sendo produzidas. Essas legendas, porém, estão dispostas apenas virtualmente e nessa etapa ainda é possível manejá-las. Portanto, é possível ver o resultado imediatamente e alterá-lo se necessário, como temos na figura:



Figura 3 – Layout do programa subtitle workshop

É possível afirmar, portanto, que a etapa de revisão ocorre simultaneamente à etapa de tradução nesse caso, pois, a cada vez que se redige uma legenda que não está adequada aos parâmetros, o legendista passa a reformulá-la até que se adeque ao resultado desejado.

Uma revisão definitiva é feita ao fim de todo o processo de legendagem, antes que se grave permanentemente a legenda no vídeo. Algumas vezes, essa etapa final não é feita pelo mesmo legendista que confeccionou a legenda, mas por outro do mesmo grupo. Isso acontece porque muitas vezes quando se trabalha em algo por tanto

tempo, ficamos “cegos” em relação a certos aspectos que apenas um olhar de fora, não viciado, pode ver; algo que passou despercebido no momento da revisão.

Conclusões

Vieira (2005) afirma que o conflito cognitivo é um dos fatores responsáveis pela dificuldade de aprendizagem da escrita, já que dois aspectos importantes concorrem nesse processo: a liberdade de geração de ideias e a organização dessas ideias em texto.

No processo de confecção de uma legendagem para surdos e ensurdecidos não há que se falar em geração de ideias propriamente dita, ou seja, não há a criação de um texto completamente novo, pois a legendagem, por sua característica, pressupõe uma retextualização de um texto expresso de forma oral para um texto segmentado escrito. Porém, é perfeitamente lícito se falar em busca de ideias, luta com palavras e construções, pois longe de ser uma mera transcrição da fala, a LSE é uma tradução intrasemiótica, na qual um texto já produzido deve ser transposto a uma nova mídia com restrições próprias. Nesse caso, o redator deve burilar as palavras e sentenças para que este se adeque ao seu novo formato.

Para que isso ocorra, é necessário haver o planejamento inicial, como o estudo do filme a ser legendado e de seu gênero ou diretor. O conhecimento de mundo será importante também para a legendagem assim como para a escrita convencional, seja no papel ou em tela. A operação de transcrição ocorre também de forma similar à escrita convencional, obedecendo sempre aos critérios próprios da legendagem a serem seguidos, simultaneamente com a revisão, sempre sob a observação das questões de coesão em diferentes níveis.

Assim como a redação de outros textos, a tarefa de redigir legendas também pode ser desenvolvida a partir da contínua prática. De acordo com Vieira (2005), há evidências de que a prática da escrita leva a uma melhoria na qualidade da redação. A leitura também tem um papel fundamental neste desenvolvimento. Ler não apenas textos e livros com frequência, mas também habituar-se a ver obras audiovisuais legendadas leva a uma familiarização importante com o gênero, além de melhorar a habilidade de escrever ao público, pois,

como leitor, passa-se a entender as necessidades deste e procura-se saciá-las no momento da escrita.

Referências

ARAÚJO, V. L. S. **Closed Subtitling in Brazil**. Topics in Audiovisual Translation. Amsterdam: John Benjamins, p. 199-212, 2004.

_____. **Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing in Brazil**. Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description and Sign Language. Nova Jersey, EUA: Rodopi, p. 99-107, 2007.

BENTO, F.F. **A escrita colaborativa no ambiente wiki**: Uma experiência de ensino-aprendizagem de língua inglesa. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

DÍAZ CINTAS, J; REMAEL, A. **Audiovisual Translation**: Subtitling. Manchester: St. Jerome Publishing, 2007.

FLOWER, L.S; HAYES, J.R. The dynamics of composing: Making plans and juggling constraints. In: Greg, L.W; Steinberg, E.R. **Cognitive processes in writing**. New Jersey: Erlbaum, p. 31-50, 1980.

FRANCO, E; ARAÚJO, V. L. S. Reading Television: Checking Deaf People's Reactions to Closed Subtitling in Fortaleza, Brazil. In: GAMBIER, Y. (org.). **The Translator**, v. 09, n. 2, p. 249-267, 2003.

HAYES, J.R. **A new framework for understanding cognition and affect in writing**. Perspectives on writing. UK: Routledge, 2000.

OLSON, M.W; HOMAN, S.P. **Strategies for the Elementary classroom**. Newark: IRA International reading association, p. 149-151, 1993.

VIEIRA, Iúta Lerche. **Escrita para que te quero?** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; UECE, 2005.

Recebido em 17 de dezembro de 2013.

Aceito em 14 de abril de 2014.